

**VEREADORA KAREN SANTOS (PSOL) – Comunicação de Líder,**

pela oposição: Sras. Vereadoras, Srs. Vereadores; inscrevo-me hoje para relatar algo que vocês já devem estar acompanhando pela TV - hoje é um dia muito importante de luta e mobilização, dia de greve nacional da educação. Desde cedo temos estudantes, pais, mães, técnicos, professores mobilizados contra o corte de 30%, imposto pelo governo Jair Bolsonaro ao Ministério da Educação, um corte que impacta, sobretudo, na educação infantil, nas escolas, nos institutos

federais, nas universidades, nos hospitais universitários. Dentro das universidades esse corte vai ser brutal. Engana-se quem acha que a universidade pública não produz conhecimento. Hoje 93% da pesquisa e da inovação tecnológica são produzidas dentro das universidades públicas. Engana-se também quem acha que quem estuda na universidade pública é abastado ou filho da elite - 43%, hoje, dos estudantes que ocupam essas vagas fazem parte das classes mais pobres. Só na Região Norte esse percentual sobe para 68%; também é importante relatarmos quanto custa hoje ficar estudando dentro de uma universidade particular. Os cursos variam de 40 a 200 mil reais. E quem tem esse dinheiro hoje para financiar, para investir em educação de ensino superior por si só? E também é importante relatar que nem todo mundo que estuda dentro das universidades particulares é filho dessa elite também. Boa parte da estudantada financia seus estudos. Esse corte de 30% no Ministério da Educação também vai refletir dentro do Fies, que na sua essência já carrega uma contradição que é alto índice de inadimplência, porque a estudantada entra, forma-se, investe, financia, e depois não consegue emprego na sua área de atuação porque, no Brasil, infelizmente, a gente não tem emprego qualificado para todos e todas. A crise em que a gente está vivendo, a crise da educação, a crise dessa juventude que busca no futuro, está se refletindo hoje nas ruas - é importante a gente estar atento para isso. A gente não defende que a universidade pública seja somente para os filhos da elite, a gente não defende que os professores da rede estadual estejam há cinco anos sem reajuste inflacionário, recebendo parcelado, situação que também acontece com os professores da rede municipal que estão há três anos sem reajuste inflacionário. Aqui na cidade de Porto Alegre, a situação está bem difícil; neste ano, só no início, a gente já acompanhou dois casos bem graves que deixaram a nossa cidade em alerta: um caso de violência dentro do contexto escolar na EMEF Vila Monte

Cristo, lá na Vila Nova, que passou por uma situação de atentado terrorista por parte de estudantes, ou por parte da comunidade escolar, estão averiguando; e também dentro da escola Leocádia, da Cohab Cavalhada, onde um estudante atirou acidentalmente em outro estudante. Isso tudo coloca para a gente a necessidade urgente de pensar a segurança dentro do contexto escolar, principalmente a volta dos guardas municipais cem por cento na porta das escolas. Há também a batalha contra o fechamento das EJAS. Escolas como a Saint Hilaire, na Lomba do Pinheiro, a Liberato Salzano, no bairro Sarandi, já se encontram em campanha e mobilizadas contra mais esse desmonte imposto pela Secretaria de Educação e pelo desgoverno Marchezan, que vem rifando a educação para fazer caixa. A gente ainda não sabe para que todo esse caixa, porque retorno a gente não está vendo na nossa cidade. Nesse sentido, é importante a gente estar consciente, nessas mobilizações que estão acontecendo hoje, da necessidade da ampla unidade e da nossa solidariedade frente a todos esses ataques a essa estudantada, sobretudo a juventude que está indo às ruas reivindicar o direito a um futuro mais digno não só para eles, mas para toda a nossa Nação.

Também temos que pensar que esse projeto de defesa da educação tem que estar combinado com um projeto de país que gere emprego qualificado para essa juventude, que realmente consiga tirar o Brasil da crise pensando em desenvolvimento e geração de emprego qualificado, porque não adianta a gente ter engenheiro, professor, arquiteto, advogado, sendo que hoje tem uma inflação de diplomas de ensino superior dentro do mercado, que não consegue absorver toda essa força de trabalho qualificada.

Temos também que pensar que, quando o povo vai para rua, os governos temem; quando o povo vai para rua organizado, consciente daquilo que quer para reivindicar os seus direitos, os governos têm medo. Isso já sinaliza para a gente um caminho, um caminho que a gente tem que retornar a cumprir, retornar a trilhar, para pensar como a gente consegue resgatar o respeito que a gente perdeu nas últimas gestões e que vem dando toda essa margem de negociação para todos esses ajustes que vêm acontecendo, de Marchezan a Eduardo Leite ao governo Jair Bolsonaro. Hoje, às 18 horas, na Esquina Democrática, vai estar acontecendo um grande protesto desse dia de greve. Rumo à greve geral no dia 14 de junho, é importante todo mundo estar mobilizado, consciente e solidário a esse movimento que está acontecendo na nossa cidade e no nosso País. Obrigado. (Texto sem revisão final.)